

A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA A PARTIR DA PSICOLOGIA SOCIAL¹

Wanderléia da Consolação Paiva

Silmara Cristina Dela da Silva

Doutoranda

RESUMO: O objetivo deste estudo é refletir sobre a Análise do Discurso (AD) a partir da Psicologia Social (PS) em dois aspectos específicos abordados por Pêcheux: 1. as críticas ao uso dos instrumentos da Psicologia Social Americana nas suas práticas de pesquisa; 2. a necessidade de questionar sobre a noção de sujeito da Psicologia que, à época, estava influenciada pelo empirismo. Para essa finalidade, serão utilizados alguns textos de Pêcheux, um assinado com o pseudônimo de Thomas Herbert e outros, em que ele assumiu a própria autoria, além das produções de pesquisadores da AD para, a partir daí, serem apresentados alguns aspectos para a compreensão das colocações do fundador da Teoria da Análise do Discurso Francesa. Com relação ao primeiro aspecto, será analisada a ideia de Pêcheux sobre instrumento científico e o seu uso e, posteriormente, tratar-se-á do discurso como instrumento de transformação da prática política. Sobre o segundo aspecto, observou-se que a noção de sujeito da AD é diferente daquela trazida pela Psicologia e, para tomar o sujeito em seu funcionamento no discurso, é preciso compreendê-lo como sujeito discursivo, afetado pelo inconsciente e pela ideologia como conceitos reterritorializados em relação às suas áreas originais – a psicanálise e o marxismo, respectivamente. Em seguida, será apresentada a forma sujeito e as consequências da sua fragmentação.

PALAVRAS-CHAVE: instrumentos, sujeito, discurso, inconsciente, ideologia.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Introdução

Este texto apresenta algumas ideias iniciais discutidas no capítulo 1 da minha tese de doutorado, provisoriamente intitulada “Corpos de mulheres velhas rurais/do campo re(a)presentados nas mídias: uma análise discursiva”. Trata-se de indagações que surgiram durante o estudo da Análise do Discurso (AD) em função da minha formação em Psicologia, com ênfase na área de Psicologia Social (PS).

Desde a entrada de Pêcheux no Laboratório de Psicologia Social – *Centre Nationale de la Recherche Scientifique* (CNRS), em 1966, e seu encontro com Paul Henry e Michel Plon, algumas críticas à Psicologia e à PS americana² tomaram formas. Uma delas refere-se à crítica ao uso dos instrumentos, e outra, à noção de sujeito que vigoraram nessas áreas, àquela época.

Diante disso, serão analisadas primeiramente as críticas de Pêcheux e, em seguida, será abordada a análise do discurso e suas propostas diante delas no seu processo de contraidentificação com as propostas da Psicologia e da PS.

O uso dos instrumentos

No mesmo ano em que Pêcheux integra o ciclo de profissionais que pertenciam ao CNRS, aparece publicado o seu primeiro texto que colocava em evidência a PS, intitulado “Reflexões sobre a Situação Teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social (1966, 2015)³”, sob o pseudônimo de Thomas Herbert; essa atitude se configurou como uma estratégia deliberada, segundo Paul Henry (1990), pois era necessária para a sua permanência no laboratório, já que, dessa forma, poderia criticar livremente as teorias da Psicologia.

² A história da Psicologia Social (PS) é marcada por 4 vertentes diferentes: a Psicologia Social Psicológica (PSP), nos Estados Unidos; Psicologia Social Sociológica (PSS), na Europa; Psicologia Social Marxista (PSM), na América Latina; e a Psicologia Social Crítica (PSC), nos Estados Unidos. Pêcheux refere-se às teorias americanas da Psicologia Social que integram a vertente da PSP, baseada na tradição experimental.

³ A primeira data refere-se à publicação do autor à época. A segunda data refere-se à edição do livro que trouxe a tradução do seu artigo. Essa formatação é utilizada em todo o texto.

No referido texto, Herbert [Pêcheux] (1966, 2015) mobiliza uma série de conceitos para compreender como os produtos ideológicos se colocavam na prática técnica e esta se relacionava como a prática política. Ao considerar esses conceitos, referindo-se às condições ideológicas necessárias ao aparecimento das ciências sociais, Pêcheux critica a atuação dos ‘técnicos de exploração-transformação da comanda social’ referindo-se aos profissionais que criaram instrumentos para avaliação de alguma condição do indivíduo, por meio da importação de técnicas dos Estados Unidos⁴, para responder a uma demanda social. Quando o instrumento da prática técnica era aplicado às ciências sociais, a adequação era considerada bem sucedida, pois fornecia dados quantitativos que traziam uma leitura dos fenômenos observados.

Neste panorama, Pêcheux compreende que a PS era considerada uma ciência que estava no prolongamento das ideologias que constituíam a prática política. Ela não poderia ser, portanto, da forma como se apresentava, uma prática científica como propõe Althusser.

Para chegar a essa conclusão, Pêcheux propôs dois tipos de reflexões (interna e externa) para a avaliação do estatuto de uma prática que pretende tornar-se ciência para decidir sobre o seu caráter lícito ou ilícito. Ele avalia, ainda, os dois momentos para o trabalho teórico: o da transformação produtora do objeto, operada na inquietação e na aventura; e o da reprodução metódica do objeto, consumada na calma da ciência estabelecida (HERBERT [Pêcheux], 1966, 2015).

Em função desse esclarecimento, o autor leva à reflexão sobre como os instrumentos devem ser reinventados e apropriados pela teoria e, nessas condições, as Ciências Sociais e a PS precisariam desenvolver o instrumento científico que fornecesse uma abertura do próprio campo (HERBERT [Pêcheux], 1966, 2015, p. 48). Logo, na visão do teórico:

Diremos então que, em seu estado atual, o grupo complexo da psicologia, da sociologia e da psicologia social não produz

⁴ Conforme afirma Lane (1989), no Brasil e na América Latina, nas décadas de 60 e 70, a psicologia social seguia os rumos da psicologia social importada dos EUA, que replicava teorias e métodos positivistas e, em 1968, a psicanálise foi retomada na França e trouxe as críticas à psicologia social norte-americana como uma ciência ideológica, reprodutora dos interesses da classe dominante e impossível de ser transposta para outras realidades.

conhecimento científico (já que de alguma forma a ‘realização do real’ não constitui um equivalente científico da fase de acumulação metódica de conhecimentos) e que, o contrário, este grupo complexo produz atualmente uma ideologia expressiva da prática social global; assim, ele coloca em evidência, sem querer, o núcleo ideológico no todo complexo, sob a forma de discurso em fragmento, com a coerência de uma neurose, e sustentando uma função determinada relativamente ao todo complexo estruturado (HERBERT [Pêcheux], 1966, 2015, p. 51).

Diante dessa afirmação, pode-se entender que a PS, ao fazer o mau uso dos instrumentos, realizaria apenas a reprodução metódica do objeto o que lhe forneceria o elemento refletor para a sua estabilização. Não havia por essa área uma apropriação e uma reinvenção dos mesmos pela teoria. A partir dessa constatação, Pêcheux propõe o conceito de ‘escuta social’, análogo à escuta analítica freudiana como um novo instrumento possível e hipotetiza que a relação entre o trabalho de transformação produtora do objeto científico e aquele de sua reprodução metódica pode ser expressa pela relação entre Marx e Engels, em que o discurso do primeiro era posto à prova pelo segundo com o objetivo de levantar questões para o objeto referido (HERBERT [Pêcheux], 1966, 2015).

Em seu texto, Pêcheux ainda não faz menção à AD, mas já propõe o *discurso* como instrumento da transformação da prática política e afirma que ela tem a função de transformar as relações sociais reformulando a demanda social por meio de um discurso (HERBERT [Pêcheux], 1966, 2015).

Três anos depois, a temática sobre a questão da prática teórica e a questão do político é retomada por Pêcheux (1969, 2015) ao retratar as dificuldades que as ciências sociais tinham para se deslocarem em suas práticas teóricas em função do esquecimento do elemento político e do centramento sobre a política. O pesquisador propõe, então, a “teoria marxista” como ajuda para os cientistas deslocarem de uma linha organicista-tecnicista, que dominava as ciências naquele momento. Essa teoria teria dois papéis: 1. Como filosofia marxista, para intervir nas filosofias espontâneas e nas ideologias teóricas que desenvolviam as ciências humanas; 2. materialismo histórico, como núcleo científico de uma ciência das formações sociais e de sua transformação histórica.

As críticas de Pêcheux à PS contribuíram para a formulação da sua análise automática do discurso que se desenvolvia em um contexto epistemológico de encontro entre linguistas, historiadores e alguns psicólogos sociais, trazendo contribuições para

cada área e, especialmente para esses últimos, no sentido de refletirem sobre a influência das teorias americanas na PS uma vez que a situação de experimentos em laboratório era compreendida como uma “cena fechada, a-histórica, na qual a linguagem (falas, textos ou discursos) é imediatamente identificada a sequências ‘observáveis’ de ações (condutas, comportamentos) de trocas entre protagonistas da interação” (PÊCHEUX, 1984/2015, p. 287). A AD se colocaria diante disso como uma perspectiva diferente que considera o registro da língua, da história e do inconsciente.

Em outro texto, “Sujeito, Centro, Sentido” (1988, 1995), Pêcheux discute as relações entre a lógica e a linguística, e reposiciona a questão da simulação dos conhecimentos científicos no desenvolvimento ideológico e a questão chave para a AD. Ele trata o mito da neutralidade e da indiferença do discurso científico e remete à ideia de descontinuidade ciências/ideologia em que o “duplo funcionamento lógico-linguístico não é neutro em relação à ideologia: podemos dizer que ele realiza espontaneamente o acobertamento ideológico da descontinuidade, simulando-a ideologicamente” (PÊCHEUX, 1988, 1995, p. 124).

Mais adiante, no mesmo texto, o autor denomina a PS como *romance*, quando ela concorda com o neopositivismo, no momento em que este propõe a descrição do funcionamento de uma ciência como reserva de hipóteses explicativas, o que vai ao encontro à convivência entre as concepções do empirismo lógico e a ideologia do método experimental da PS. No entanto, ao tratar das ‘ficções demagógicas’ (o povo, as massas ou a classe operária) ele manifesta o seu desdém. Face a isso o empirismo lógico critica o mundo mental por este não permitir assegurar uma referência, exceto pela força das ilusões que se apoderam de cada sujeito sob a forma do consenso e conformismo. Essas ideias não estão em conformidade com o que Pêcheux desenvolverá como novo suporte teórico para a ideologia (PÊCHEUX, 1988, 1995).

Observa-se, dessa forma, que Pêcheux analisa, por vias diferentes, a questão do instrumento das ciências sociais e faz críticas veementes à PS americana no que se refere ao seu caráter ideológico. A resposta que ele propõe relaciona-se à consideração do aspecto político recalcado por essa ciência, aspecto esse considerado na AD.

Logo, as provocações de Pêcheux trouxeram contribuições para o desenvolvimento da PS, fato concretizado quando psicólogos sociais da América Latina

se viram diante de uma crise na área⁵ ao ter contato com as suas críticas e de outros pesquisadores a partir de publicações na *Nouvelle Critique*, sob o título de: “Psicologia social: uma utopia em crise”, acerca do seu caráter teórico e ideológico.

Não cabe esmiuçar sobre as repercussões que todo esse movimento ocasionou para a área. Porém, de fato havia ali uma ferida narcísica para os psicólogos sociais, que perceberam a necessidade de pensar a sua teoria e prática sob outras perspectivas. O início dessas reflexões estava justamente no conceito de homem da PS. Nesse ponto é que ocorre o direcionamento para a outra crítica de Pêcheux que, em alguns dos seus textos, questionou o conceito de homem de algumas teorias da Psicologia, conforme demonstrado a seguir.

A noção de sujeito

Vários são os textos em que Pêcheux manifesta claramente o seu incômodo com a noção de sujeito da Psicologia. Orlandi, situa os primórdios dos seus questionamentos em um trecho da entrevista:

Acredito que exista um percurso que Pêcheux faz que é interessante e que eu começaria dizendo que se inicia com a crítica à psicologia social. Existem textos, por exemplo, como “A Psicologia Social: uma utopia em crise”, que eu vejo como fundamental. É um texto pouco lido porque circula pouco no Brasil, mas que também está disponível no Fundo⁶. É por isso que eu acho que há interesse para o Fundo ter textos desse tipo, e esse é um dos que eu acho importantes, porque Pêcheux começou justamente a reflexão dele questionando a noção de sujeito, como ela era tratada na psicologia e pensando a psicologia social. Esse é um desses discursos de origem, vamos dizer, da reflexão, se é que se pode dizer da origem da reflexão, é um dos textos originais e que têm muita importância (ORLANDI, s/d.)⁷.

⁵ A psicologia social enfrentou na década de 1970 uma crise e teve, como uma das consequências o surgimento da vertente Psicologia Social Marxista, fundada a partir do materialismo histórico dialético e, que, segundo Lane (1986) teve como primeiro passo a superação da visão biologicista de homem entendendo-o como : “O homem assim concebido traz em si todo um processo de humanização ao longo da história da civilização, traz em si a história de sua cultura, dos modos de produção que gera as relações, a linguagem, etc. O Homem que é individualidades, nas suas especificidades, mas que também é totalidade histórico-social” (LANE, 1986, p. 2, mantivemos a palavra Homem com ‘H’ maiúsculo conforme o texto original).

⁶ Trata-se do Fundo Michel Pêcheux inserido no Centro de documentação Urbana do Labeurb – CEDU, na UNICAMP, Campinas – SP, que reúne textos de circulação restrita e mesmo textos 'não-publicados' deste pesquisador, dentre outros.

⁷ Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/cedu/entrevistaEni.php>>.

A partir da afirmação Orlandi (s/d) pode-se observar uma trajetória de Pêcheux para desenvolver a sua reflexão da noção de sujeito da Psicologia. Observa-se que a sua fundamentação se deve à oposição ao que pregava o idealismo e o estruturalismo e uma aproximação às concepções de Lacan, Althusser, Derrida e Foucault. Ao retomar o item discutido anteriormente, no que se refere às práticas técnica e política, faz-se importante colocar o sujeito em questão pois, “todo sujeito humano, isto é social, só pode ser agente de uma prática social⁸ enquanto sujeito” (HENRY, 1990).

A preocupação de Pêcheux se consistia em tomar a prática política e o discurso que passa pela ideologia ao introduzir, na sua obra, o sujeito como efeito ideológico elementar. Essa ideia contraria o que propunha a concepção idealista (enraizada em Hegel), que ameaçava a teoria do discurso no tocante a considerar o efeito ideológico do sujeito pelo qual a subjetividade aparece como fonte, origem, ponto de partida ou ponto de aplicação (PÊCHEUX, 1988, 1995).

Percebe-se, desta forma, as contribuições de várias ordens para compreender a proposta de Pêcheux na elaboração da noção de sujeito da AD. As reflexões das concepções de Althusser, Lacan, Derrida e Foucault, que não cabe detalhar neste texto, levaram Pêcheux à discussão da ideologia que toma o sujeito enquanto efeito ideológico elementar (sempre já-sujeito), contribuição essa de Althusser - o sujeito é o sujeito da ideologia. Em relação aos três últimos pesquisadores, o sujeito está ligado à linguagem ou ao signo e é considerado a partir da ‘posição’ sujeito que ele assume não sendo mais tomado como sujeito empírico, como propunha o estruturalismo na concepção de homem das ciências humanas à época (HENRY, 1990).

Em relação à Psicologia, Pêcheux criticava o que ele denominou como ‘metáfora biológica’ que se colocava como uma continuidade o ‘indivíduo’ ao ‘sistema social’ fundada sobre a palavra ‘organismo’, forma como a Psicologia e outras áreas de conhecimento tendiam a pensar o seu objeto. Essa metáfora ocupava espaços estratégicos, a partir dos quais alguns problemas se tornaram não formuláveis.

Sobre isso, sabe-se o quanto o behaviorismo marcava, nesta época, seu espaço dentre as outras escolas da psicologia com o objetivo de torná-la ciência aos moldes do

⁸ A prática social foi definida por Herbert [Pêcheux] (1966, 2015, p. 25) como “o conjunto complexo de práticas indeterminadas, no interior de um todo social dado”.

positivismo. Todas as áreas da psicologia foram afetadas por esta escola; é isso que Pêcheux critica quando alerta para o seguinte fato:

Pode-se dizer que, de modo geral, o setor de estudo da força de trabalho domina atualmente aquele do estudo das relações sociais de produção, a tal ponto que certas questões, como aquela do assujeitamento do sujeito ao inconsciente, ou aquela da luta de classes em uma formação social, se encontram literalmente recalçadas e “substituídas” por questões como a da adaptação do indivíduo a seu meio ou aquela da organização social das unidades de produção (PÊCHEUX, 1969, 2015, p. 199).

Essa afirmação mostra que, de um lado, a psicologia com a noção de homem entendida de forma reducionista como uma máquina programável e um ser altamente adaptável se sobrepunha à proposta, por outro lado, do materialismo histórico, de um sujeito constituído na luta de classes. Indica-se neste ponto a proposta do materialismo para pensar as questões das ciências sociais sob outro paradigma.

Em 1982, diante de um projeto recusado no CNRS sobre leitura e memória, Pêcheux (1982, 2015) retoma a metáfora do organismo e sociedade para criticar a noção de memória fundada em bases biológicas, na qual o organismo vivo teria a inscrição individual interna de fenômenos exteriores a ele. Propõe o estatuto social da memória considerada como corpo/corpus de traços inscritos no espaço, sob formas extremamente variáveis, que remetem à memória coletiva.

Essa concepção de memória coloca em evidência a noção de sujeito diante dos universos discursivos logicamente estabilizados e os não-estabilizados. Do primeiro grupo fazem parte as teorias psicológicas do sujeito epistêmico que defendem que ele possui um conjunto localizado de operações internas e é “capaz de *construir o sentido adequado* de uma sequência dada, por referência ao universo discursivo logicamente estável de onde se supõe que esta sequência deriva” (PÊCHEUX, 1982, 2015, p. 144), ou seja, um sujeito estratégico operatório; o segundo grupo, no qual se localiza a AD, têm-se outras formas de pensar a memória (como interdiscurso), a associação das instruções que permitem construir a significação e o processo de interpretação do sentido de uma sequência de leitura, no qual a língua é o “espaço privilegiado de inscrição de traços linguageiros discursivos, que formam uma memória sócio-histórica (PÊCHEUX, 1982, 2015, p. 146)”.

Especificamente nesse texto, Pêcheux critica a noção de sujeito epistêmico da teoria de Piaget, entretanto, não se refere à noção de sujeito da AD. O leitor já familiarizado com essa teoria é capaz de realizar a sua leitura com a noção de sujeito da AD permeando as afirmações de Pêcheux.

Em Pêcheux (1984, 2015), tem-se novamente a crítica ao sujeito epistêmico piagetiano e a tentativa da AD de se colocar diante dos limites biológico e social que constituía o mito *omni-presente* do sujeito psicológico: de um lado, o seu poder está limitado por coerções biológicas; de outro, por coerções sociológicas. Nesse contexto, a história, a língua e o inconsciente são considerados de forma muito diferente do que se propõe na AD, pois estão conceituados em função das determinações do psicologismo e do sociologismo.

Há, então, por uma via, a psicologia cognitiva com o conceito de sujeito epistêmico e, de outra, a análise do discurso, com a proposta sobre a noção de sujeito. Afirma Pêcheux:

ninguém sabe se um dia, a história, a língua, o inconsciente serão “explicados” pelo sujeito epistêmico-comportamental, ou se, ao contrário, as condições concretas de aprendizagem e de controle dos universos discursivos logicamente estabilizados aparecerão eles próprios como intrinsecamente dependentes das discursividades não-estabilizadas (PÊCHEUX, 1984, 2015, p. 292).

Naquela época, longe de responder a esse questionamento, Pêcheux constatou um conflito entre a Psicologia e a AD e afirmou que esse se devia à relação contraditória da psicologia com a psicanálise⁹, mais uma área da qual ele se aproximou para construir a noção de sujeito da sua teoria, conforme será demonstrado adiante.

Ainda, para transpor uma visão empirista subjetiva, observada nos trabalhos de Benveniste, Pêcheux proporá a teoria não subjetiva da subjetividade¹⁰ que consiste em:

⁹ Especificamente quanto à PS, Alvaro e Garrido (2003) acreditam que a marginalização da psicanálise pela mesma se deveu ao fato do biologicismo subjacente à teoria dos instintos de Freud, o caráter clínico da sua psicologia e suas aplicações na psicopatologia, os postulados sobre a natureza pulsional da personalidade e junto com a sua redução do social a sua função repressora das pulsões. Além disso, fatores externos, como a separação da psicologia social e a psicologia da personalidade; o predomínio de uma psicologia social experimental e o desinteresse pelos estudos culturais sobre a socialização e personalidade, que aconteceram após a II Guerra Mundial juntamente com o predomínio de outras correntes teóricas mais determinantes na Psicologia Social, também contribuíram para este fato.

¹⁰ Não será possível neste texto trazer detalhadamente toda a fundamentação teórica considerada por Pêcheux para elaborar a sua teoria.

[uma teoria] que designa os processos de ‘imposição/dissimulação’ que constituem o sujeito, situando-o (significando para ele o que ele é) e, ao mesmo tempo, dissimulando para ele essa ‘situação’ (esse assujeitamento) pela ilusão de autonomia constitutiva do sujeito, de modo que o sujeito ‘funcione por si mesmo’ (...) (PÊCHEUX, 1988, 1995, p. 133).

A teoria da AD de base materialista irá então propor um trabalho de articulação destas regiões: descontinuidade das ciências/ideologia, discursividade e subjetividade de que romperá com as tentativas idealistas de uma teoria do sujeito (ideológico e/ou científico) no discurso.

Diante das críticas expostas, o autor desenvolve a AD impulsionado pela necessidade de abrir uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais e, em particular, da psicologia social. Esse dispositivo teórico-metodológico será apresentado a seguir.

A Análise do Discurso como dispositivo teórico-metodológico

Diante das duas críticas explanadas acima, Pêcheux propõe a análise do discurso como um instrumento científico para ser utilizado pelas ciências sociais fato este que ajudaria na construção de uma teoria. Este instrumento leva em consideração o discurso e trabalha a textualização do político, ausente nas teorias das ciências sociais.

A definição de político em AD relaciona-se à divisão entre sujeitos e sentidos e está em relação com o simbólico. Trata-se então de um dispositivo para analisar a textualização do político para compreender o simbólico e as relações de poder (ORLANDI, 2001).

Este fato é importante uma vez que Pêcheux se propõe a analisar sobre o sentido colocando questões pertinentes para a Linguística e para as Ciências Sociais porque ambas não romperam com a ideologia que as fundaram (ORLANDI, 2001).

As críticas às Ciências Sociais e a Psicologia foram analisadas de modo específico neste texto. Cabe refletir sobre a questão da Linguística uma vez que Pêcheux critica o conceito de língua abordado pelo Logicismo e Sociologismo, perspectivas vigentes à época nesta ciência, que não abordavam o político e não consideravam a historicidade.

A historicidade negada pela Linguística, é definida como conflitos, tensões e disputas de sentido e é considerada na AD para realizar leituras que remetem o discurso às suas condições de produção questionando o seu caráter de transparência, tomando-o na opacidade.

Para pensar sobre o sentido, Pêcheux propõe uma reflexão sobre o conceito de homem que vigorava nas teorias das ciências sociais, conforme já discutimos neste texto. A aproximação ao marxismo e à psicanálise trouxeram para a teoria os conceitos de inconsciente e ideologia que foram reterritorializados e tomados como estrutura funcionamento.

Começa-se então a necessidade de uma teoria que articule as duas estruturas-funcionamentos, interligadas paradoxalmente (FERREIRA, 2005)¹¹, que trazem como ponto comum “o fato de elas operarem ocultando sua própria existência, produzindo uma rede de *verdades ‘subjetivas’* evidentes, com o ‘subjetivas’ significando, aqui, não ‘que afetam o sujeito’, mas ‘em que o sujeito se constitui’” (PÊCHEUX, 1995, p. 148).

Nessa perspectiva marxista, alguns conceitos foram problematizados como, por exemplo, a Ideologia (com I maiúsculo, para diferenciar da ideologia geral) tratada nos textos de Pêcheux (1995) e, mais recentemente por Zoppi-Fontana (2005) para aludir à sua relação constitutiva com a linguagem e o sujeito.

Segundo Pêcheux (1995), nesse ponto, havia a necessidade de uma teoria materialista do discurso que discutisse a evidência do sujeito atrelada à evidência do sentido (já proposta por Althusser) uma vez que elas se constituem em um efeito ideológico. A partir dessa nova empreitada, ele (re)definirá os conceitos: condições de produção do discurso, formações ideológicas e discursivas e o interdiscurso, os quais não serão explicitados neste texto, devido à sua complexidade e a inferência de que o leitor possa pesquisá-los nos textos do autor e demais estudiosos da AD.

Nesse percurso de redefinições, a noção de sujeito se desloca em relação àquela proposta pelas ciências humanas, em que o sujeito era tomado de forma empírica, como sujeito epistêmico e centro da problemática subjetivista.

¹¹ Esta relação constitui-se, na visão de Silva Sobrinho (2007), como um dos desafios da AD. Para o autor, muitas vezes os estudiosos não tem um sucesso na articulação dos dois conceitos tendendo ou para gestos de interpretação que consideram o sujeito da psicanálise lacaniana ou para o sujeito interpelado pela ideologia.

Para Mariani (2003) a psicanálise traz para a AD a ideia de que o sujeito não é um *a priori*, porque ele depende do Outro da linguagem e da historicidade. Antes de nascer, ele é interpelado pela ideologia, tornando-se assujeitado; isso permite a sua inscrição no simbólico, a ilusão de autonomia e de ser a origem do seu dizer.

Essa condição marca a *falta*, a incompletude e a opacidade do discurso e, para compreendê-la, Pêcheux propõe uma discussão sobre as acepções do real – da língua, da história e do sujeito – e o distingue de realidade, tomando o primeiro como o impossível, o não capaz de ser atingido, a falta. Em Freud, a falta é denominada de *a coisa* que é a hiância, a fenda, o furo, o irrealizável. Para Lacan, o inominável denomina o real, o *objeto a*, objeto do desejo. Por sua via, a realidade é da ordem do efeito, do empírico para falar do mundo e das coisas, da historicidade e das condições de produção (ABRAHÃO E SOUSA, 2016).

O real se entrelaça na psicanálise com outras duas estruturas: o simbólico¹², que se constitui como linguagem, e o imaginário, que é a captação especular no plano consciente. A figura do nó borromeano é a ilustração que indica o furo do ser-em-falta: furo da língua (equivoco), da ideologia (contradição) e o da psicanálise (inconsciente) (FERREIRA, 2010). Nessa interseção de conceitos e teorias, o materialismo histórico e a psicanálise contribuem de forma incisiva para a noção de sujeito da AD, conforme salientam Magalhães e Mariani (2010):

E aqui o entremeio com a Psicanálise e com o Materialismo Histórico se fazem presentes na teoria da Análise do Discurso, posto que o sem-sentido provocado pelo inconsciente e a contradição presente nos rituais da interpelação ideológica sempre fraturam e colocam à mostra o teatro da consciência. Em suma, há um ponto de impossível – marcado na ordem da língua pelo ato falho, pelo chiste e pelas contradições – que torna visível o fato de que não há um assujeitamento total, uma alienação completa do sujeito (MAGALHÃES; MARIANI, 2010, p. 404).

Questiona-se, então: se o sujeito do discurso não está na origem do dizer – pois é duplamente afetado pelo inconsciente e pela ideologia, o que o desloca da noção de sujeito do empirismo – como se dá o seu funcionamento no discurso? Pêcheux (1995, p.161) afirma que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeitos de

¹² Sobre o conceito de simbólico na teoria de Piaget e em Lacan, ver: GADET, F.; HAROCHE, CL. HENRY, P.; PÊCHEUX, M. **Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia** (1982, 2015).

seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Infere-se, portanto, que o sujeito do discurso não se articula diretamente à formação discursiva, mas o faz através da forma-sujeito, conceito abordado na teoria e articulado à ‘tomada de posição’ (PÊCHEUX, 1995), em que acontece a plena identificação do sujeito com a forma-sujeito da formação discursiva (FD), em que os sentidos são sempre os mesmos.

Indursky (2008), a partir de uma leitura de Pêcheux, afirma que, após essa ideia de homogeneidade, o autor lança na mesma obra (1995) as modalidades de tomada de posição. Já não se tem mais um único modo/tomada de posição do sujeito com os saberes e forma-sujeito da FD; isto implica dizer que não há um sujeito dotado de unidade, mas dividido.

Sendo assim, Pêcheux (1995) identifica duas modalidades da forma sujeito na sua articulação com o sujeito discursivo: a primeira caracteriza o discurso do ‘bom sujeito’, que “consiste numa superposição (um recobrimento) entre o *sujeito da enunciação* e o *sujeito universal*, de modo que a ‘tomada de posição’ do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma de ‘*livremente consentido*’” (PÊCHEUX, 1995, p. 215). A segunda caracteriza o discurso do ‘mau sujeito’, “no qual o *sujeito da enunciação* ‘se volta’ *contra o sujeito universal* por meio de uma ‘tomada de posição’ que consiste, desta vez, em uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) com respeito ao que o ‘*sujeito universal*’ lhe ‘*dá a pensar*’” (PÊCHEUX, 1995, p. 215).

Tal fato permite compreender que não há unicidade na forma-sujeito e que existem diferentes modos do sujeito se articular com uma determinada FD. Ele tem uma certa liberdade de posicionamento perante os saberes da FD na qual está inscrito apesar de ser interpelado ideologicamente e perpassado pelo inconsciente. Essa liberdade, na perspectiva de Lukács, discutida em Magalhães e Mariani (2010), aponta para a possibilidade de contraidentificação que, por sua vez, indica uma FD que carrega em si o heterogêneo, a alteridade e a influência de outras FD’s.

As consequências da fragmentação da forma-sujeito podem ser mais bem compreendidas a partir do quadro esquemático a seguir:

QUADRO

Consequências da fragmentação da forma-sujeito

1- Duas posições-sujeito: bom sujeito e mau sujeito.	Bom sujeito é a posição sujeito dominante em relação às demais.
2- O sujeito se identifica com a FD a partir de uma das suas posições sujeito, e por seu viés, com a forma-sujeito.	Se a identificação for com a posição-sujeito dominante: efeito sujeito (bom sujeito e mau sujeito).
3- Natureza fragmentada da forma-sujeito.	O sujeito de discurso não pode mais identificar-se diretamente com a forma-sujeito.

Fonte: Elaboração da autora com base em Indusky lendo Pêcheux (2008).

Esse quadro permite visualizar de quais formas o indivíduo é interpelado ideologicamente e qual é a relação interdiscursiva que marca o funcionamento do dizer. Sendo assim, o sujeito irá se constituir na relação com as instâncias político-ideológicas filiando-se à FD's na prática social.

Há ainda que se considerar uma terceira modalidade, proposta por Pêcheux, que funciona sob o modo da desidentificação, ou seja, de uma tomada de posição não-subjetiva. “O sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito para identificar-se com outra formação discursiva e sua forma-sujeito” (INDUSRKY, 2008). Será possível desidentificar? Pêcheux defende que sim e alguns pesquisadores contemporâneos trabalham para desenvolver melhor essa concepção. Pode-se citar, como exemplo, os pesquisadores Beck e Esteves (2012).

Com base nessa breve explanação, percebe-se a construção elaborada das críticas de Pêcheux aos instrumentos da Psicologia Social e da noção de sujeito da Psicologia, que aparecem em diferentes textos na sua obra, bem como compreender as transformações que ele propõe a partir da releitura de outros autores e textos importantes que fundamentaram a análise do discurso francesa.

Destaca-se que, no Brasil, a teoria da AD tem conquistado vários seguidores que se identificam com as ideias pecheutianas e que têm produzido uma vasta literatura com o objetivo de difundir as ideias do autor e também de colocá-las em discussão com outros temas desafiantes.

Referências

ABRAHÃO E SOUZA, L. *Sobre o real e o imaginário na AD*. Palestra realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem para a disciplina(Re)leituras de Michel Pêcheux, Universidade Federal Fluminense, em outubro de 2016.

ALVARO, J.L.; GARRIDO, A. *Psicología Social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. Madrid: McGraw-Hill/Interamericana de España, 2003.

BECK, M.; ESTEVES, P. M. da. O sujeito e seus modos – identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. *Leitura*, Maceió, n.50, jul./dez. 2012, p. 135-162.

FERREIRA, M.C.L. Linguagem Ideologia e Psicanálise. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, n. 1, jun. 2005, p. 69-75

FERREIRA, M.C.L. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, Porto Alegre, v.4, n.48, 2010

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2008. p. 10-32.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). p. 13- 36.

HERBERT, T. [PÊCHEUX, M.]. Reflexões sobre a Situação Teórica das Ciências Sociais, especialmente da Psicologia Social. (1966). In: ORLANDI, E. (org). *Análise de Discurso de Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 21-54.

LANE, S. T. M. A Psicologia Social e uma nova visão de homem para a Psicologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. *Psicologia social: o homem em movimento*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 10-19.

MAGALHÃES, B.; MARIANI, B. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

MARIANI, B. Subjetividade e Imaginário Linguístico. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 3, número especial, 2003, p. 55-72.

PÊCHEUX, M. As ciências humanas e o “momento atual”. (1969). In: ORLANDI, E. (org). *Análise de Discurso de Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 175-202.

PÊCHEUX, M. Leitura e memória: projeto de pesquisa. (1982). In: ORLANDI, E. (org). *Análise de Discurso de Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 141-150.

PÊCHEUX, M. Sobre os contextos epistemológicos da análise do discurso. (1984). In: ORLANDI, E. (org). *Análise de Discurso de Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 283-310.

PÊCHEUX, M. Sujeito, Centro, Sentido. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. p. 123-139.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. Ed. Campinas: Pontes, 2001.

SILVA SOBRINHO, H. F. da. *Discurso, velhice e classes sociais: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica*. Maceió: EDUFAL, 2007.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Objetos paradoxais e ideologia. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, n. 1, jun. 2005, p. 41-59. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/8/12>>. Acesso em: 04 set. 2016.